



O GESTO DE INTERPRETAÇÃO NO PROCESSO DE ESCRITURA DE TEXTOS¹

Ercilia Ana Cazarin²

INTRODUÇÃO: O projeto Análise do Discurso: práticas de escrita e/ou de escritura tem como objetivo geral (re)ler a obra de Michel Pêcheux e de autores inscritos no campo teórico da análise de discurso (AD), procurando rastrear noções que possibilitem a intervenção dessa teoria em atividades de ensino, em especial, naquelas relacionadas ao processo de escritura. O desafio é pensar a produção escrita, enfatizando que para além dos elementos lingüísticos, ela é atravessada por questões de outra ordem, tais como: o imaginário que o sujeito-autor tem de si e do leitor virtual de seu texto; e, a ideologia e a historicidade, constitutivas do dizer/escrever. Desloca-se a concepção de leitura própria da AD para a de escritura. Levando em conta que o processo de escritura tem a ver com posições de sujeito e com a distribuição do conhecimento que, na sociedade, sempre é desigual, priorizamos, neste texto, as seguintes questões: se a leitura e a interpretação, em AD, são concebidas como gestos, o processo de escritura também o seria? Como funcionaria, então, esse gesto? **MATERIAL E MÉTODOS:** O material consiste em textos escritos por Michel Pêcheux (1969-1983) e por outros autores do mesmo campo de conhecimento; neles buscamos noções que nos possibilitam refletir sobre o processo de escritura. O objetivo é construir um arcabouço teórico capaz de sustentar a intervenção da AD no referido processo. **RESULTADOS:** a partir das leituras e (re)leituras realizadas até o presente momento da pesquisa, escrevemos o texto O gesto de interpretação no processo de escritura de textos cuja síntese apresentamos a seguir. **CONCLUSÕES:** Tendo a perspectiva da AD como pressuposto teórico, pontuamos como estamos concebendo as noções de escrita, de escritura, de texto e de língua. A primeira está sendo tomada como o processo de legitimação e transcrição da língua, mais precisamente de uma variedade lingüística que se apresenta como pretensamente hegemônica (Galo, 1992). Escritura, ao contrário, está sendo concebida como gesto de interpretação do sujeito quando do processo de textualização. A capacidade de textualização, já marcada pela historicidade, vai possibilitar que se fale em efeito-texto, mas também em sujeito-autor ou em efeito de autoria. O texto, por sua vez, é a materialidade lingüística pela qual se tem acesso ao discurso e, em AD, é trabalhado como discursividade em funcionamento – é isso que nos leva a tratá-lo, considerando a exterioridade que lhe é constitutiva e que se reflete na e pela materialidade da língua. Quando nos referimos à materialidade lingüística, importa a concepção da noção de língua, pois a partir de como esta é concebida, a direção que se dá às práticas discursivas pode ser uma ou outra. Uma diferença significativa entre a Lingüística de Saussure e a AD é o modo como cada uma dessas teorias trata da estrutura da língua. Explico: quando Saussure elabora a dicotomia língua/fala, afirma que esta última “é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor”; dissocia-a, portanto, do histórico-social. E mais: ao separar a língua da fala e, ao eleger a primeira como objeto de estudo, deixa de lado, dentre outras coisas, o sujeito que enuncia. Pêcheux (1988) escreve que não se trata de negar a língua como um sistema de signos lingüísticos, mas de compreendê-la como a base material para que o discurso ocorra. Este não é a língua nem a fala de Saussure, mas situa-se entre elas, em um lugar particular,



porém social. Em AD, a atualização da língua pressupõe um sujeito que enuncia não na sua individualidade, e sim afetado pelo inconsciente e pela ideologia. Assim, o sujeito da AD, ao contrário do da lingüística, é um sujeito inscrito na história. Enfatizamos então o porquê de nós, analistas de discurso, afirmarmos que a língua, como a entendemos, tem espaço para o possível e para o impossível os quais se apresentam de tal forma intrincados que não há como separá-los. O furo, o lapso, o equívoco ocorrem e são apreendidos na e pela língua – o real da língua é a língua como ela funciona em situações de uso, e não na sua abstração (Cazarin, 2005). Nessa perspectiva, ler e interpretar não consistem apenas em um processo de decodificação ou de recepção passiva do texto. Também não se trata de entender apenas o que o autor disse ou quis dizer, como na perspectiva da análise de conteúdo. Trata-se de conceber a leitura como um processo de produção de sentidos, isto é, como um gesto de interpretação do sujeito-leitor que, através de um trabalho de (des)construção, mas também de construção de um “novo” texto, desestabiliza sentidos que se apresentam como estabilizados e, ao mesmo tempo, produz sentidos que não necessariamente coincidem com aqueles que o sujeito-autor quis atribuir ao texto (Indursky, 2001). Nesse processo, é preciso levar em conta que a história de leitura do sujeito-leitor vai determinar sua maior ou menor interação com o texto a ser lido. Mas como funciona esse gesto de produção de sentidos no processo de escritura de textos? Deslocando-se essas considerações sobre a leitura para o âmbito da escritura, entendemos que também no processo de produção de um texto, está em jogo o gesto de interpretação do sujeito. É esse gesto, afetado pela historicidade, que o leva a recuperar, no interdiscurso, alguns enunciados e não outros para incorporar na formulação de seu texto, produzindo um efeito-texto com início, progressão e conclusão. Para explicar o deslocamento que estamos propondo, recorreremos a um escrito de Pêcheux (1980): “É nas operações de recortar, de extrair, de deslocar, de confrontar que se constitui o dispositivo mais particular de leitura” - prática essa por ele denominada de leitura-trituração. Um trabalho de leitura conduz, segundo ele, a dar lugar ao inconcebível em um duplo gesto: conceber claramente o concebível para mostrar o inconcebível, isto é, regular um sistema e um intradiscurso e destruir a homogeneidade imaginária dos mesmos. Esse posicionamento de Pêcheux nos possibilita a compreensão de que tanto a produção da leitura, quanto o processo de escritura de um texto constituem-se como práticas sociais que mobilizam o interdiscurso (a memória do dizer) e que conduzem o sujeito-leitor e o sujeito-autor, enquanto sujeitos históricos, a inscreverem-se em uma disputa de interpretações. É esta disputa que, no processo de escritura, leva o sujeito-autor a textualizar o que, para ele, aparece como sendo “a interpretação”, pois esta “lhe parece como natural, como o sentido lá, transparente. Ele não reconhece o movimento de interpretação, ao contrário, ele se reconhece nele” (Orlandi, 2007). A escritura em AD faz com que o sujeito-autor, na dispersão do já-dito, coloque-se frente a relações de confronto, de divergência, de diferença ou de aproximação com diferentes discursos; faz com que ele “mergulhe em uma teia discursiva invisível construída de já-ditos” (Indursky, op.cit) para configurar seu texto segundo os saberes da posição-sujeito em que se inscreve em uma dada formação discursiva. É nesse sentido que o interdiscurso funciona como o “lugar do outro”. Nesse processo, convivem os campos da história, da língua e do inconsciente sem fronteiras fixas, e o papel do sujeito-autor é produzir gestos de interpretação; gestos esses, afetados pela projeção imaginária que ele faz de si, do outro e do “lugar social” em que está inscrito,



embora disso o mesmo não se dê conta. Assim, texto e sentidos são produzidos por sujeitos inscritos na história, “num processo simbólico duplamente afetado pelo inconsciente e pela ideologia”. O sujeito-autor, ao escrever, materializa os saberes próprios da posição-sujeito em que está inscrito. Esta determina aquilo que ele pode, aquilo que ele não pode ou não convém escrever, e a escritura de seu texto o remete a um discurso inscrito na rede de memória em que tem origem na dispersão do interdiscurso.

¹ Projeto de pesquisa financiado pela UNIJUI o qual abriga uma bolsista PIBIC/CNPq e outra PIBIC/UNIJUI.

² Professora do DELAC/UNIJUI. Doutora em Letras. Área: Teorias do Texto e do Discurso